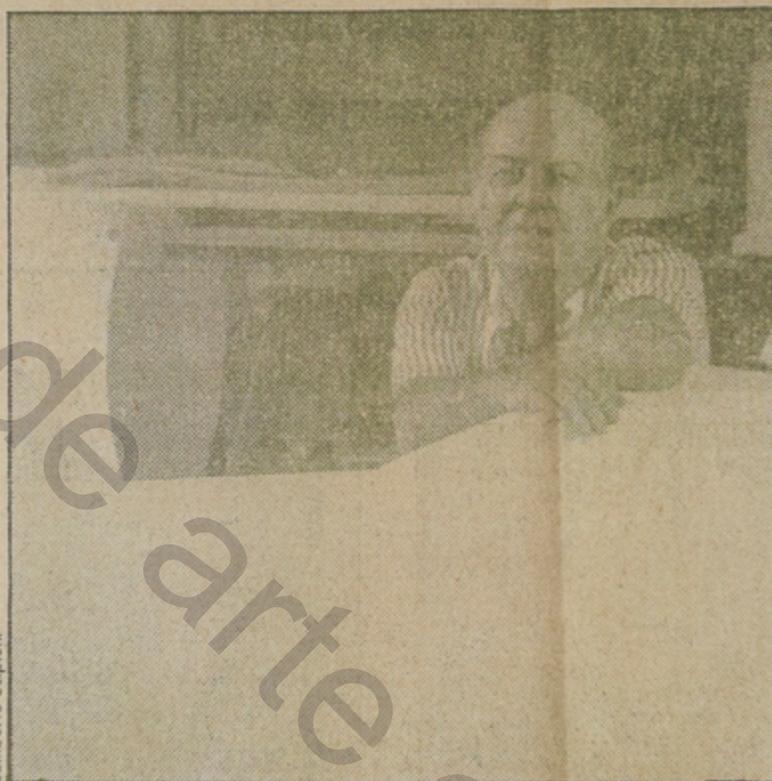


★1930 *Sérgio Camargo* ● 1990

O escultor Sérgio Camargo foi enterrado às 10 horas de ontem no Cemitério de São João Batista, no Rio. Não foi o câncer, de que sofria havia algum tempo, a causa da morte. Internado na noite de quarta-feira numa clínica de Botafogo, morreu por volta das 12 horas do dia seguinte, de parada cardíaca. Era considerado um dos maiores artistas plásticos brasileiros e, mesmo doente, nunca dispensou um bom papo, um bom copo, o cigarro e o trabalho.

Em 1990 Sérgio, que era notoriamente avesso às badalações, deixou a discrição do apartamento no décimo andar de um prédio em Copacabacana, assinado por Oscar Niemeyer, e o silêncio do ateliê de Jacarepaguá para comparecer a uma série de homenagens que envolveram mostras e lançamento de livro entre o final de setembro e início de outubro, em São Paulo. No Gabinete de Arte Raquel Arnaud foram expostas 15 esculturas inéditas, produzidas pela equipe de artesãos de Massa, perto da cidade de Carrara, que havia 20 anos executavam à perfeição suas maquetes em madeira. Camargo explorava os contrastes de reflexão e concentração de energia dos mármore branco e negro sob o rigor de um raciocínio ágil e abrangente, capaz de iluminar os ângulos mais sutis da pedra e do pensamento. Aos 60 anos, estava no auge da carreira.

Uma mostra de dez peças no Paço das Artes abriu espaço para o trabalho do **Artista Jovem**. Camargo era um dos poucos artistas brasileiros com trânsito livre no mercado internacional. Em 1963, ao conquistar o primeiro prêmio na Exposição Internacional de Escultura, em Paris, já havia abandonado definitivamente a idéia de tornar-se diplomata. Foi em Buenos Aires, aos 16 anos, que começou a interessar-se seriamente pelas artes plásticas, acompanhando o trabalho no ateliê dos mestres Fontana e Pettorutti. Em 1948 viajou pela primeira vez para a Europa, cursou filosofia na Sorbonne e frequentou o ateliê de Auricoste e Constantin Brancusi. No Paço foram expostas algumas raridades da obra rigorosa e límpida de Camargo, como as duas mulheres em bronze, da fase



Lomberto Scipioni

"O artista trabalha para conhecer a verdade que intui"

figurativa.

Entretanto, foi o lançamento do livro **Camargo**, com texto do crítico e amigo Ronaldo de Brito, o passo definitivo para a consagração do alcance da trajetória e do trabalho do artista. Durante mais de dez anos Sérgio Camargo havia relutado contra a idéia de editar um volume sobre sua obra. Dizia que projetos desse tipo deviam

ser adiados para depois de sua morte. Finalmente, cedendo aos argumentos dos amigos, mas impôs algumas condições para a execução. Empilhou um monte de livros de arte em sua biblioteca, chamou Ronaldo Brito e o artista plástico Waltércio Caldas, responsável pelo projeto gráfico, e fulminou: "Como esses não quero." Não gostava de histórias romanceadas e exigiu que, no livro, constasse apenas o mínimo sobre sua vida pessoal. "O que interessa no artista é o trabalho. O resto fica de lembrança para a família", avisou.

O resultado foi um texto erudito, seco e elegante acompanhando uma seleção de 43 fotos em cores e 272 em preto-e-branco, que constitui uma viagem pelos espaços ocupados por Camargo, sem preocupações com a linearidade temporal. Em vez disso, a preocupação maior da obra parece ser o acompanhamento das evoluções do pensamento do artista, que se situam, segundo Brito, entre o reducionismo de Brancusi e o brutalismo de Henri Laurens. Foi nessa interseção que Sérgio Camargo realizou sua visão do dilema do volume moderno, descrito em elementos que unem os clássicos e os mitos e se constitui em reflexão fundamental. Sérgio Camargo costumava dizer, para escandalizar os amigos e inimigos, que a arte não serve para nada. Em seguida, corrigia-se e explicava: "Para o que serve, não sei. Mas que é uma necessidade imperiosa, é inegável." Sua vida e sua obra são prova disso.

TADINI
JOALHEIROS

JÓIAS, RELÓGIOS E PRESENTES

RUA OSCAR FREIRE, 652 • (011) 881-2533 • SÃO PAULO • SP